



Nascida em 1998 na cidade de Belo Horizonte, Nathália Sodré sempre gostou de escrever e de acompanhar notícias. Com cinco anos escreveu seu primeiro livro e com dez se mudou para onde atualmente reside, a cidade de São Paulo. Decidiu cursar Jornalismo na Universidade Presbiteriana Mackenzie, onde encontrou sua paixão pela profissão.

“Já se passavam mais de doze horas de trabalho de parto. Stefany já havia vomitado, chorado e feito muita força. Estava extremamente debilitada e cansada. Sentia sono e muita fome. Doze horas de incerteza, medo e inquietude. O que mais a preocupava era o tratamento da equipe médica que trocava meia dúzia de palavras com ela, sendo que a maioria eram de ordem e repreensão. Não havia informação ali.

Stefany sofreu muitas tentativas de acelerar seu parto, com intervenções como o uso de ocitocina, toques repentinos e palavras de ordem para que fizesse força de forma ágil. A intromissão não parou por aí. Cada parto é único, mas as velhas intervenções continuam as mesmas. Parto é espera. Mas a equipe médica, com anos de experiência, não fez questão de entender isso.

Para acelerar ainda mais o processo, a enfermeira pegou uma escada como se estivesse indo em direção a um trampolim para fazer mais uma de suas manobras. Se preparava com uma contagem de um a dez, como os atletas profissionais se preparam para pular e se jogar com força na piscina, cravando um espetacular giro. No caso dela, o cenário da manobra e da força não era em nenhum parque olímpico, era em direção a barriga de uma gestante que implorava para que aquilo parasse. O trampolim da dor”.

Nathália Sodré

AS FACES DA DOR:

A VIOLÊNCIA POR TRÁS DO PARTO

As Faces da Dor



Nathália Sodré

A violência obstétrica ainda é coberta pelo véu do desconhecido. No Brasil, segundo o estudo Mulheres brasileiras e gêneros nos espaços público e privado, divulgado pela Fundação Perseu Abramo em parceria com o Serviço Social do Comércio (SESC) em 2010, uma a cada quatro mulheres sofre algum tipo de violência por profissionais da saúde durante a gestação.

A violência obstétrica está nas práticas que violam o direito da mulher como parturiente, incluindo a perda da autonomia e decisão sobre seus corpos. Ela pode ser praticada por médicos, enfermeiros, anestesistas, recepcionistas e até a própria administração do hospital.

Com o intuito de denunciar à sociedade as principais práticas de violência obstétrica, este livro reúne depoimentos e histórias verdadeiras de mulheres que passaram por experiências violentas durante o pré-natal, parto ou pós-parto, deixando uma mensagem de que, no fim, o parto deve pertencer à mulher e a ninguém mais.